



Compromissos e conexões feitas em prol do futuro da soja responsável na conferência anual da RTRS em Lille



Não pôde ir a Lille? Quer lembrar o que ouviu na RT13? Eis o nosso resumo dos destaques dos dois dias de diálogo e progresso em matéria de soja responsável.



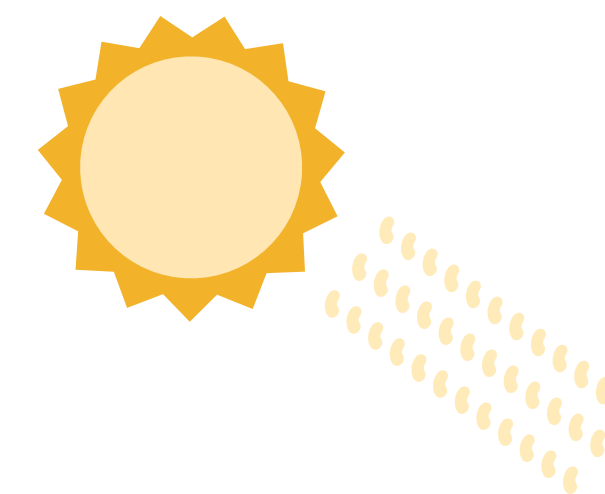
O movimento a favor da soja responsável deu um passo importante em maio de 2018, quando 180 participantes de todos os pontos da cadeia de suprimentos da soja se reuniram em Lille, na França, para renovar e estender seus compromissos com uma grande mudança no sistema de produção, em favor de uma das commodities agrícolas mais importantes do mundo.



Juntamente com grandes varejistas, organizações não-governamentais globais e grandes marcas comerciais, a conferência anual da Associação Internacional de Soja Responsável (RTRS) este ano também contou com a presença de grandes produtores de soja, incluindo oito cooperativas que, juntas, representam 11% da produção de soja no Brasil (o maior produtor de soja do mundo).

A Conferência Anual (RT13) da RTRS também teve a participação dos governos da França, Brasil e Paraguai e de representantes da Argentina, Brasil, China, Índia, Moçambique, EUA e vários países da Europa.

“por um lado, para que a nossa Associação seja a principal organização onde as diversas partes possam discutir, decidir e avançar em melhorias de sustentabilidade em prol da cadeia de suprimentos da soja; por outro lado, transformar o sistema de certificação da RTRS em uma ferramenta motivacional para os produtores, como uma solução para a indústria, o comércio e as finanças demonstrarem seu comprometimento; como uma ferramenta inspiradora na busca por melhorias contínuas das ONGs; e uma referência a ser seguida por outras organizações, ao mesmo tempo que a RTRS



“Já avançamos muito, mas ainda temos um longo caminho pela frente.”

Marina Born – RTRS President

se torne uma organização verdadeiramente sustentável em termos de planejamento, gestão e comunicação global”.

“Não existe compromisso sem implementação. Por isso, precisamos ampliar a demanda e a produção de soja responsável”, disse Marina aos conferencistas. “A população global está aumentando cada vez mais em um espaço finito; há mais bocas para alimentar - tanto animais quanto humanas. Já avançamos muito, mas ainda temos um longo caminho pela frente.”



Progresso social e ambiental

A palestra magna da conferência foi proferida pelo renomado líder Jonathon Porritt, M.B.E., com ampla experiência em liderança corporativa em matéria de sustentabilidade e, mais especificamente, no setor de óleo de palma. Ele destacou a necessidade de trabalhar para que a soja faça parte de uma mudança global em direção à “agricultura regenerativa”, que preconiza um processo alimentar que retira menos do que devolve para a sociedade e o meio ambiente.

“Vocês defendem um padrão forte, muitos produtores, varejistas de apoio e uma ambição cada vez maior de se tornarem um agente transformador.”

Jonathon Porritt MBE



Uma parte central da palestra de Porritt tratou do fato de que a RTRS está adotando uma posição de liderança ao priorizar ações sobre questões sociais em paralelo ao desmatamento: “As ONGs ocidentais não falam o suficiente sobre os benefícios sociais e econômicos [do cultivo da soja] para os países. Se você não adotar uma perspectiva mais ampla, ninguém irá notar”, ele disse.

Ele também se referiu aos “detratores” do progresso, destacando que o setor da soja é “fundamental” para a mudança. Todos os grandes ativistas, políticos e varejistas com responsabilidade social desempenharam os seus respectivos papéis, mas é o próprio setor da soja que deverá levar a cabo essa mudança.

Ao fim, Porritt pediu à RTRS que “tire o máximo proveito deste fórum de discussões sobre medidas práticas”:

“Eu tenho um enorme respeito pela sua organização”, ele afirmou. “Vocês defendem um padrão forte, muitos produtores, varejistas de apoio e uma ambição cada vez maior de se tornarem um agente transformador.”



A demanda por mudanças



A sessão plenária de abertura da RT13 concentrou-se, principalmente, em formas de estimular a demanda global por soja responsável. Um representante das Fazendas Bartira (Brasil) comentou que existem 206 fazendas certificadas no Brasil - dessas, 190 estão localizadas na região (muito divulgada) do Cerrado - e que a certificação RTRS fez muito mais do que apenas deter o desmatamento. "São muitos outros benefícios", disse ele. "Melhores práticas sociais e ambientais, melhores controles de produção e desempenho e o aumento da renda das comunidades locais, decorrente da remuneração mais alta dos funcionários", ressaltou Luiz Iaquina.

Ele também mencionou o aumento da produtividade nas fazendas certificadas, passando de duas toneladas e meia de soja por hectare (a média brasileira) para quatro toneladas.

Entre outros assuntos, essa sessão da conferência também enfocou uma questão crucial: as definições. Quando olhamos para o Cerrado e nos deparamos com a conversão das pastagens (afirmou David Cleary, da The Nature Conservancy), "nos perguntamos para que servem os compromissos contra o desmatamento?".

Inevitavelmente, nesta sessão e na última sessão paralela da oficina sobre demanda, o foco recaiu sobre os consumidores e sua conscientização. O Bel Group e a Lidl destacaram o valor de contar uma história sobre a soja sustentável e a diferença que estavam fazendo ao trabalhar com os produtores para realizar mudanças que geram conexões emocionais com suas bases de consumidores.



Foco no Cerrado

Com uma área três vezes maior do que a França, a região do Cerrado ocupa um quarto do território brasileiro. De acordo com Tiago Reis, nativo do Cerrado, trata-se de “uma das áreas de maior biodiversidade do planeta - um bioma singular.” A segunda sessão plenária da RT13 entrou em detalhes sobre as iniciativas e coalizões que estão se reunindo para tentar deter o desmatamento em uma das últimas grandes áreas naturais da Terra.



“Essa uma questão urgente”, ressaltou Edegar de Oliveira Rosa, do WWF. “Perdemos cerca de um milhão de hectares de Cerrado por ano com a conversão”, disse ele. “Essa talvez seja a maior fronteira agrícola do mundo e é possível expandir a agricultura em pastos degradados, sem qualquer desmatamento ou conversão do ecossistema natural; os agricultores podem ser um mecanismo fundamental para a concretização dessa mudança.”

Uma das principais mensagens foi que a destruição do Cerrado é, antes de mais nada, uma estratégia míope. As consequências do desmatamento incluem menos evapotranspiração e precipitação, menos nuvens, volumes mais baixos nos aquíferos e menos água doce disponível para a agricultura. Proteger o Cerrado significa, na realidade, proteger a agricultura.

O último palestrante foi Daniel Salter, da Tesco, signatário da ‘Declaração de Apoio (DdA) ao Manifesto do Cerrado’.

A DdA é uma resposta à ‘conclamação por ações imediatas’ feita por mais de 60 organizações da sociedade civil brasileira aos compradores de soja e produtos pecuários originários do Cerrado. Sessenta

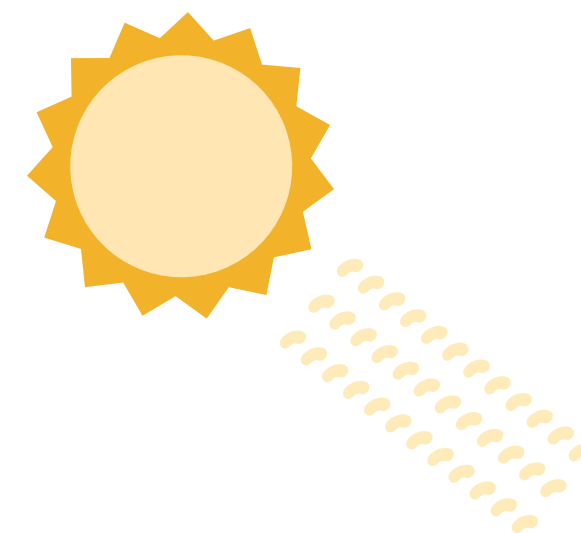
e seis empresas globais - incluindo varejistas, fabricantes, produtores de gado e empresas de rações que comprem (ou usam) produtos de soja ou da pecuária do Cerrado - já assinaram a DdA e reconhecem a necessidade de um caminho mais sustentável para o desenvolvimento agrícola no Cerrado.

Os signatários da DdA estão elaborando um Plano de Implementação. O objetivo do Plano é colaborar, alinhar e apoiar as ações dos atores locais no território brasileiro. Além de fornecer um padrão líder no setor, os signatários da DdA também entendem que a RTRS desempenha um papel importante como plataforma global de soja sustentável que reúne todas as partes interessadas em prol do desenvolvimento de abordagens inovadoras para garantir a produção sustentável de soja - por exemplo, por meio de abordagens jurisdicionais.

Um assunto preponderante discutido na sessão plenária sobre o Cerrado foi a questão do desmatamento legal versus ilegal: conforme mencionou o WWF, de acordo com dados da Universidade de Wisconsin, 85% do desmatamento no Cerrado entre 2003 e 2014 ocorreu dentro dos limites permitidos pelo código florestal - daí a importância dos compromissos voluntários.



Dois grupos de discussão paralelos da RT13 abordaram questões importantes sobre como uma maior colaboração poderia transformar a soja responsável em uma commodity do mercado de massa, e também o que é preciso fazer para aumentar a demanda.



Colaboração e mercado de massa

Na sessão dedicada à colaboração, a Arla Foods iniciou a discussão ressaltando que os varejistas são uma parte vital do diálogo e que, na Suécia, eles contribuíram para a transição do mercado para soja 100% responsável, em nível nacional.

Foram descritos diversos modelos de colaboração, incluindo o Swedish Soy Dialogue, a Collaboration for Forests and Agriculture e a UK Sustainable Soy Initiative.

“A sessão tratou de como o apoio do governo pode ajudar a fomentar a colaboração em prol da soja. Jean-François Timmers, o Líder de Soja do WWF, falou sobre as oportunidades de expansão da soja sem qualquer conversão, em vastos pastos já desmatados e degradados; disse também que os parceiros envolvidos na RTRS devem voltar sua atenção para a especulação de terras, que acaba criando uma ‘bolha’ especulativa que alimenta o desmatamento e a conversão.

Ligação entre a oferta e a demanda

Na sessão paralela sobre como aumentar a demanda e conectá-la à oferta, ONGs, comerciantes, produtores e varejistas discutiram maneiras de fortalecer a conexão entre os consumidores, o setor e os produtores no campo.

Os conferencistas destacaram o trabalho realizado no Brasil, na Índia e na África para aumentar a demanda por soja responsável. Pramel Gupta, da Vrutti, por exemplo, fez referência às 40.000 toneladas de soja recém-certificadas em sua rede indiana e à resposta positiva dos agricultores à participação no processo de Certificação RTRS.

Também foram discutidos os resultados do primeiro ano de um projeto em Moçambique (África) promovido pela Rede Solidaridad, que ajudou 2.000 produtores a melhorar sua produção de soja por meio de métodos agrícolas sustentáveis; 223 agricultores certificados pela

RTRS conseguiram aumentar a produção média de soja de 1,2 para 1,5 tonelada / ha, dentre outros resultados positivos.

“Contar histórias” e “inspirar as pessoas” foram temas da discussão; representantes da Bayer e da ACT Commodities sugeriram que devem ser envidados mais esforços para comunicar o impacto da certificação RTRS, principalmente para seus clientes e compradores.

A sessão, liderada por Christophe Callu Mérite, chegou ao fim com uma discussão animada sobre como pode ser baixo o custo adicional da soja certificada - apenas alguns centavos a mais - se o custo for compartilhado por toda a cadeia de suprimentos, ao invés de ser suportado exclusivamente pelas empresas de rações.



Gerando mudanças sociais

O encerramento do primeiro dia da RT13 foi marcado por uma sessão sobre como lidar com os riscos relacionados a questões sociais na cadeia de valor da soja, e como a certificação RTRS pode ajudar a garantir um desenvolvimento econômico mais inclusivo.



Juliana de Lavor Lopes, da Amaggi e membro do Conselho da RTRS, abriu a sessão ressaltando que a responsabilidade social norteia seu trabalho com a soja sustentável há 12 anos. “Desde o início da RTRS, um dos maiores desafios tem sido discutir as questões sociais”, ela afirmou. “A sustentabilidade não é apenas uma questão ambiental; também envolve resultados sociais e econômicos.”

Os representantes da Amigos da Terra, Imaflora e Fapcen reiteraram que se a soja insustentável deslocar os investimentos em outras culturas e atividades agrícolas - e se isso ocorrer em paralelo à especulação sobre o valor da terra -, pode acabar agravando a pobreza e a desigualdade de renda. Disseram também que um desafio básico em muitas áreas em crescimento são as altas taxas de analfabetismo e a pobreza entrincheirada. A soja certificada pode ajudar a melhorar as condições de trabalho, a saúde e a segurança; porém, o impacto da soja pode ser limitado em algumas áreas que carecem de apoio do governo.

“As diferenças sociais nos estados que cultivam a soja no Nordeste do Brasil - Maranhão e Piauí - são enormes”, lembrou Gisela Introvini, CEO da Fapcen. “Incentivados pela Fapcen, os aderentes à certificação RTRS passam a contribuir com as comunidades no entorno das fazendas, em projetos que envolvem escolas, doações de maquinário e equipamentos, insumos agrícolas e, principalmente, a capacitação das pessoas para o trabalho nas propriedades rurais.

As iniciativas acarretaram um grande aumento na renda e no número de empregos nessas regiões.

Além disso, houve um maior envolvimento da Polícia Militar, o órgão de defesa agrária, as brigadas de incêndios e policiais rodoviários federais em relação ao uso de agrotóxicos, aos resíduos e embalagens de agroquímicos; todos aderiram a grandes projetos que incentivam as crianças a preservar e reconhecer espécies nativas do Cerrado, juntando sementes e plantando mudas em cidades ligadas ao agronegócio,” ela afirmou.

Didier Bergeret, do Consumer Goods Forum, comentou que a sua abordagem inicial - de emitir uma Resolução setorial sobre o desmatamento zero junto de marcas como a Tesco, Nestlé e Ahold Delhaize - agora está sendo aplicada aos direitos humanos e às condições sociais. “Fizemos uma ampla pesquisa setorial e com investidores para identificar os nossos impactos mais salientes nos direitos humanos, de acordo com os Princípios Orientadores sobre Empresas e Direitos Humanos das Nações Unidas. O nosso desafio coletivo mais importante, conforme identificado pela maioria, é o trabalho forçado”, ele ressaltou. “Portanto, o Conselho de CEOs do CGF assinou a primeira resolução do setor sobre trabalho forçado e definiu três Princípios Prioritários para apoiar sua implementação, abordando as formas mais prevalentes de trabalho forçado:

- 1) Todo trabalhador deve ter liberdade de movimento;
- 2) Nenhum trabalhador deve pagar pelo emprego; e
- 3) Nenhum trabalhador deve trabalhar por dívida ou coação.”



Social ou ambiental? Escolha os dois.

Marcelo Visconti, Diretor Executivo da RTRS, subiu ao palco e fez um resumo do progresso em 2018.



“O mercado descobriu que a certificação RTRS significa desmatamento zero, conversão zero e conservação da vegetação de alto valor do Cerrado brasileiro; por ser holística, a RTRS entende que a responsabilidade social e a responsabilidade ambiental caminham juntas”.

“A RTRS acredita que temos que trabalhar juntos, de maneira coletiva e holística. Pensando nas gerações futuras, eu tenho algumas perguntas importantes para vocês”, disse ele. “É possível escolher entre proteger a floresta e os diversos direitos da comunidade? É possível escolher entre proteger a floresta e o trabalho forçado? Entre proteger a floresta e garantir o direito a um salário mínimo? Na RTRS, percebemos que essas escolhas são impossíveis.”

“A mudança já está acontecendo - e muito rapidamente”, disse ele aos conferencistas. Ele descreveu um aumento de 30% na certificação RTRS nos últimos 12 meses, bem como o fato de que a RTRS certificou uma produção de soja na África pela primeira vez. O aumento da produção foi muito bem-vindo; porém, face ao aumento de apenas 8% da demanda por soja certificada no mesmo ano, o desafio mais urgente agora é ampliar a demanda.

“Já conquistamos muito, mas também sabemos que precisamos acelerar o passo”, disse Visconti. “A velocidade depende de nós. Os nossos compromissos devem se transformar em passos concretos e absolutos para fomentar a mudança. Hoje, fazemos um forte apelo pelo aumento expressivo da demanda.”

“A velocidade depende de nós. Os nossos compromissos devem se transformar em passos concretos e absolutos para fomentar a mudança. Hoje, fazemos um forte apelo pelo aumento expressivo da demanda.”

Marcelo Visconti



Cidadãos do Planeta

No segundo dia, a palestra magna de Xavier Sticker, Embaixador da França para o Meio Ambiente, deu um tom verdadeiramente global à discussão. Ao dar as boas-vindas aos delegados a Lille, Sticker descreveu a perspectiva de um “país consumidor” que se orgulhava de liderar questões internacionais importantes, como a mudança climática e a biodiversidade, e afirmou que leva a sério os compromissos do Acordo de Paris.



“A França está elaborando uma estratégia nacional de combate ao desmatamento importado”, disse ele. “Também esperamos ver iniciativas no nível da União Europeia, conforme exigiu o grupo de Estados europeus signatários das Declarações de Amsterdam contra o desmatamento importado, atualmente presidido pela França.”

Ele afirmou que, junto com as ações do setor privado para eliminar o desmatamento de suas cadeias de suprimentos, os governos dos países consumidores e produtores também têm que fazer sua parte.

Ele acrescentou que as pessoas também desempenham um papel importante. “Os consumidores estão cada vez mais conscientes do impacto dos produtos que compram e estão mudando seus hábitos de consumo: Eles se importam com a proteção do meio ambiente e se portam como cidadãos do planeta”, afirmou. “Precisamos ajudar os consumidores a tomar decisões informadas; também precisamos fornecer os incentivos certos.”

Segundo ele, existem planos europeus de elaborar uma estratégia abrangente de proteína sustentável, promovendo a transição para fontes de proteína que não tenham um impacto tão prejudicial sobre o meio ambiente.

Ele afirmou que os países produtores precisam antecipar e planejar como atender às expectativas e exigências cada vez maiores dos consumidores em relação à sustentabilidade. A rastreabilidade, a transparência e um sistema de certificação robusto requerem um forte compromisso de toda a cadeia produtiva e comercial. Políticas públicas sensatas e efetivamente implementadas - como a gestão racional de florestas, o planejamento espacial, a promoção da agroecologia e a proteção dos direitos à terra - também são essenciais para essa transformação.

“São vários os fluxos que precisam confluir para que o nosso rio de sustentabilidade se fortaleça e chegue ao estuário; todos nós devemos promover a vazão desse rio, incluindo os governos dos países consumidores e produtores”, ele reiterou.



O que os governos podem fazer?

A penúltima sessão da RT13 tratou do papel do governo e dos desafios legislativos que ainda se impõem aos legisladores (dos dois hemisférios do planeta) no alinhamento de suas práticas e políticas com compromissos mais amplos para deter o desmatamento.



Marcelo Stabile, pesquisador do IPAM, informou aos participantes que, de acordo com a legislação vigente, o desmatamento legal também é um assunto crítico. A área passível de desmatamento legal em propriedades privadas na Amazônia pode representar uma perda enorme de floresta tropical, equivalente a uma área maior que o Reino Unido. O IPAM vem trabalhando no projeto CONSERV com o objetivo de compensar os agricultores pela preservação dessas áreas. Juntamente com os planos de crescimento voltados para a produção em muitos dos principais estados na América do Sul, a questão é: como melhorar a conservação e aumentar a produção - independentemente de qualquer conversão natural - e garantir, assim, um clima adequado à produção para as gerações futuras?

Gustavo Rodríguez, do Governo do Paraguai, disse aos participantes que, como o quarto maior exportador de soja do mundo, o Paraguai aprovou em 2004 uma lei que proíbe a transformação (desmatamento) de florestas nativas em atividades agrícolas ou pecuárias, com vistas a preservar as florestas da região leste do país (que eram passíveis de desmatamento legal até a aprovação da lei). Para tal, foram valorizados os serviços ecossistêmicos que dão aos remanescentes florestais - especialmente o microclima - a possibilidade de proteger sua biodiversidade e seus cursos de água e também remuneraram os proprietários de florestas nativas - mantendo, assim, a produção de soja.

Para outros participantes, havia uma clara distinção entre os países produtores e consumidores. Para os países produtores, há questões importantes de igualdade de renda, pressão para

crescer e uma necessidade mais ampla de trabalhar com mais afinco na imposição de restrições legais ao desmatamento e na luta por melhores condições sociais.

Os participantes foram informados de que ainda se perde o equivalente a cerca de 1,8 campo de futebol de florestas por minuto para a pecuária e / ou produção de soja; os governos claramente precisam agir com certa urgência. Há muitos conhecimentos sendo produzidos em apoio a essas ações, segundo Raimundo Deusdará Filho, do Ministério do Meio Ambiente. "Temos um sistema de monitoramento enorme, com informações online e disponíveis ao público sobre 500 milhões de hectares. Também temos uma legislação consistente. São muitos dados e enormes esforços para aplicar a lei, pois essa é uma missão do Estado Brasileiro", afirmou Deusdará.

Mairon Bastos Lima, da Trase, lançou uma ideia para acelerar a certificação e a produção. Ele perguntou: "será que um dia poderemos certificar um estado inteiro como produtor de soja responsável?" "Isso seria bem impressionante."

Ou seja, abordagens territoriais - legislação, certificação, medidas na cadeia de suprimentos - podem ser uma nova forma de abordar o papel dos governos em matéria de soja responsável, o que também aumentaria a traçabilidade e a transparência na cadeia da soja.

"será que um dia poderemos certificar um estado inteiro como produtor de soja responsável?"

Mairon Bastos



Ferramentas

Antes da RT13 concluir com um debate de encerramento, houve uma exposição de ferramentas de software de monitoramento e coleta de dados a partir de diversas fontes - desde satélites até a gamificação -, usadas para melhorar a gestão e a traçabilidade nas cadeias de suprimentos.



Considerações Finais

A sessão final da RT13 foi uma oportunidade para alguns dos moderadores da conferência comentarem e resumirem os temas principais ao longo dos dois dias, e também como devem ser as abordagens holísticas voltadas para cadeias de suprimentos de soja responsáveis no futuro.

A demanda - e também como aumentá-la - foram temas constantes do painel; como gerar um aumento expressivo da demanda por soja sustentável em todos os mercados e territórios e como esse aumento da demanda também pode ser uma forma importante (como se concluiu) de ajudar e incentivar os agricultores a irem além dos requisitos legais.

A ideia de apoiar os agricultores e convencê-los de que a soja responsável vale a pena também foi comentada pelos participantes.

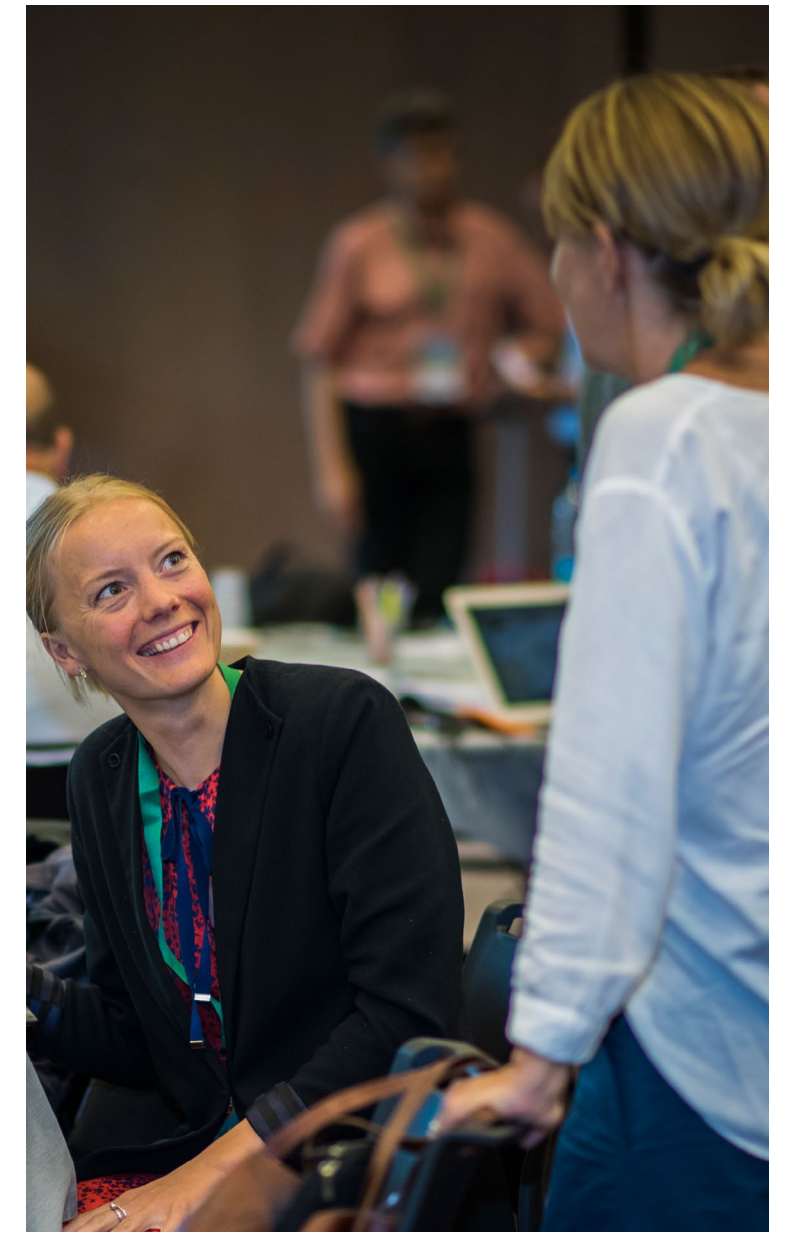
Um ponto relevante mencionado por um dos participantes foi o fato de que todos os elementos da cadeia de valor da soja estiveram presentes na RT13, e que isso foi importante porque cada peça da cadeia tem um papel claro a desempenhar em prol da soja responsável. A legislação territorial, o papel da sociedade civil, as metas dos fabricantes e varejistas e as pressões na cadeia de suprimentos não são táticas mutuamente exclusivas na trajetória em direção à soja responsável; todas elas serão necessárias para que os compromissos globais sejam cumpridos dentro do prazo, até 2020.

“Esta foi a conferência anual mais holística já promovida pela RTRS, tratando como iguais as questões ambientais, legais, econômicas e sociais que precisamos levar em conta para cumprir nossos compromissos internacionais - principalmente no que diz respeito ao desmatamento.

“A conferência foi palco de boas discussões, novas parcerias e ferramentas de transparência, que foram compartilhadas para ajudar-nos no processo de transformação.”

Marina Born – Presidente da RTRS







Assista ao filme RT13

